

Uma perspectiva contemporânea da psicologia acerca das relações afetivas: Entre modos de existir e enfrentamentos

Lucas Andrade de Sousa ^{1*}, Maria Eduarda Cabral Alves¹, Camilla Guerra Lopes Santos²

¹Graduando em Psicologia, Centro Universitário Brasileiro, Brasil. Autor-correspondente

²Docente em Psicologia, especialista em Saúde da Mulher, Programa de Residência Multiprofissional Integrada em Saúde- HC/UFPE, Brasil.

RESUMO

O objetivo deste projeto é propor uma reflexão aberta e sensível sobre as implicações de se relacionar na contemporaneidade, reconhecendo-o como um tópico delicado. O estudo buscou mapear e observar as discussões acadêmicas sobre os modos de existir e os enfrentamentos nos vínculos atuais, fundamentando-se nas contribuições da Psicologia Social e da Abordagem Centrada na Pessoa. Para isso, realizou-se uma revisão bibliográfica de caráter qualitativo. As buscas ocorreram nas bases SciELO, PePsic e Google Acadêmico, utilizando os descritores "Psicologia e relacionamentos afetivos" e "Psychology and emotional relationships", com recorte temporal de 2019 a 2025 e exclusão de publicações sem caráter científico. A seleção final resultou na análise de 26 artigos. A análise identificou quatro eixos temáticos centrais: a influência ambivalente das tecnologias digitais; os efeitos da pandemia da COVID-19 como catalisadora de tensões preexistentes; a construção dos afetos ao longo do ciclo vital, desde o vínculo primordial na infância até a velhice; e a inter-relação entre afetividade e sofrimento psíquico, analisando dinâmicas como o ciúme e a dependência emocional. Conclui-se que os vínculos afetivos são fenômenos complexos, atravessados por fatores sociais, atuando simultaneamente como espaço de sofrimento e de resistência. A psicologia, nesse contexto, oferece ferramentas fundamentais para a ressignificação e construção de relações mais autênticas. Aponta-se como limitação a ausência de dados primários, sugerindo-se pesquisas futuras com abordagem empírica.

Palavras-Chaves: Psicologia; Relações Afetivas; Autenticidade; Sofrimento Psíquico; Abordagem Centrada na Pessoa.

A contemporary psychological perspective on emotional relationships: Between ways of being and coping strategies

ABSTRACT

The objective of this project is to propose an open and sensitive reflection on the implications of contemporary relationships, recognizing it as a delicate topic. The study sought to map and observe academic discussions on ways of existing and confrontations in current relationships, based on contributions from Social Psychology and the Person-Centered Approach. To this end, a qualitative literature review was conducted. Searches were carried out in the SciELO, PePsic, and Google Scholar databases, using the descriptors "Psychology and emotional relationships" and "Psychology and affective relationships," with a time frame from 2019 to 2025 and excluding non-scientific publications. The final selection resulted in the analysis of 26 articles. The analysis identified four central themes: the ambivalent influence of digital technologies; the effects of the COVID-19 pandemic as a catalyst for pre-existing tensions; the construction of affections throughout the life cycle, from the primordial bond in childhood to old age; and the interrelationship between affectivity and psychological distress, analyzing dynamics such as jealousy and emotional dependence. It can be concluded that emotional bonds are complex phenomena, influenced by social factors, acting simultaneously as a source of suffering and resistance. In this context, psychology offers fundamental tools for reframing and building more authentic relationships. The lack of primary data is pointed out as a limitation, suggesting future research with an empirical approach.

Keywords: Psychology; Affective Relationships; Authenticity; Psychological Suffering; Person-Centered Approach.

Sousa LA, Alves MEC, Santos CGL. Uma perspectiva contemporânea da psicologia acerca das relações afetivas: entre modos de existir e enfrentamentos. Rev Univer Bras. 2026;4(1).1-15



Direitos do Autor. A Revista Universitária Brasileira utiliza a licença Creative Commons (CC BY 4.0)

1. Introdução

Há muitos estudos psicológicos frente às relações afetivas na contemporaneidade que assumem formas e significados multifacetados, onde são diretamente influenciados pela cultura, pela experiência individual e pela compreensão do sujeito diante da sua realidade social. Surgindo a partir disso uma implicação fundamental que é “amor”. Que somada às transformações históricas, socioculturais e tecnológicas, alteram continuamente os modos de experienciar o afeto e o compromisso relacional.¹

Portanto, observa-se na atualidade, diante da psicologia e da psicoterapia, uma inquietação diante da possibilidade de perda de identidade e liberdade dentro das relações afetivas. Que simultaneamente, à intensificação da cultura digital contribuiu para a relativização dos relacionamentos e idealização de modelos “perfeitos”, que são pautados por expectativas de plenitude e ausência de conflitos, mas fomentados por vínculos fragilizados e angustiantes.²

Dessa forma, a psicologia entende a esfera dos vínculos afetivos, como um movimento essencial ao indivíduo a fim de promover um desenvolvimento mútuo de ambas as partes, resultando num processo de autenticidade e valorização do self. No entanto, as experiências prévias, somadas aos condicionamentos socioculturais, podem limitar o potencial transformador dessas relações, partindo disso, a reprodução de representações alienadas.³

Tais mudanças tornaram ainda mais evidente durante a pandemia da COVID-19, quando muitos relacionamentos, independentemente de sua natureza, foram submetidos a tensões incomuns, nas quais o isolamento físico e por vezes emocional, se consolidou num impacto psicológico baseado em medo da solidão e das inseguranças. Nesse cenário, as relações foram desafiadas a se reorganizar já que as dinâmicas emocionais existentes foram diretamente influenciadas por uma realidade marcada por sintomas estressores.⁴

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo mapear e observar as discussões acadêmicas sobre o tema. Para isso, é fundamental compreender a psicologia e as relações afetivas contemporâneas, especialmente no que se refere aos desejos de conexão e à necessidade de autonomia. Onde a psicologia, enquanto campo de saber e prático, oferece subsídios importantes para analisar tais dinâmicas, especialmente diante dos enfrentamentos individuais e sociais que atravessam os vínculos afetivos na atualidade.

Como resultado esperado, esse mapeamento propõe uma análise bibliográfica para aprofundar a compreensão sobre os modos de existir nas relações afetivas, considerando os atravessamentos históricos, culturais e individuais que as constituem. O estudo reflete, assim, como um espaço de enfrentamento, ressignificação e construção de novas possibilidades, consequentemente, destacando e contribuindo para pesquisas psicológicas futuras.

2. Referencial Teórico

De acordo com o presente estudo, este capítulo tem por objetivo apresentar o referencial teórico da pesquisa e fundamentar acerca da psicologia e das relações afetivas na contemporaneidade. Sendo os subtópicos direcionados a expor a historicidade acerca do tema, utilizando de uma avaliação a respeito da subjetividade, acerca das repercussões e desdobramentos à saúde mental e ao autocuidado. Realizando um mapeamento das discussões na base da Abordagem Centrada na Pessoa.

2.1. A construção das relações afetivas na contemporaneidade

É imperioso pontuar que as relações na contemporaneidade têm assumido cenários e sentidos multifacetários que estão atrelados a cultura, vivência e intelecção que cada indivíduo tem acerca da sua conjuntura social. A partir deste contexto, questiona-se: o que seria o amor? Compreende-se que a percepção acerca desse sentimento provém da singularidade e realidade que perpassa cada indivíduo na construção do vínculo.⁵

Sendo assim, é indiscutível ressaltar que a presença da revolução industrial que ocorreu nos séculos

XVIII e XIX trouxe múltiplas mudanças nos pólos econômicos e sociais, impulsionados por avanços tecnológicos. Seguindo essa linha de pensamento, é válido frisar que no panorama atual há uma busca incessante da satisfação individual quanto a seus desejos conflitantes, bem como o receio da perda da sua identidade e liberdade dentro daquela relação.⁶

Nos tempos modernos, contrastando dos obsoletos, percebe-se a relativização dos relacionamentos em decorrência da globalização das redes sociais, tendo em vista que a sociedade atual segue um conceito ideal, repleto de inseguranças advindas de um contexto de desapego acerca da intimidade social, mas também na busca da completude e plenitude de um parceiro impecável, um vínculo sem conflitos e o amor incondicional. O que gera relações angustiantes, que são caracterizadas por uma concepção de afastamento, onde foram nomeados de “relacionamentos contemporâneos”.⁷

Logo, os aplicativos têm assumido funções múltiplas à medida que as pessoas se relacionam, sem transmudar a pretensão desse fenômeno, por exemplo, aplicativos de relacionamentos tem como atribuição possibilitar o encontro entre seus usuários, bem como, visam envolvimentos afetivos e/ou sexuais. Sob esta perspectiva, durante a procura pelo parceiro ocorre uma idealização que é baseada em experiências passadas divergindo então, do ideal e real, isto é, ocorre uma intensificação na expectativa e interesse de estar com alguém, de ser alguém durante o fluir dessa relação, visto que o indivíduo encontra-se em um movimento contínuo pela busca da sua autenticidade consigo e com outro, a procura de uma consideração diante dessa relação.⁸

2.2. Psicologia e as relações afetivas

Numa relação afetiva o foco perpassa com o encontro de duas ou mais pessoas que seguem para a motivação básica de um ser humano, que seria o seu desenvolvimento, gerando autenticidade, valorização mútua, proporcionando assim um contato do indivíduo consigo, a fim de promover uma configuração relacional saudável, criando assim uma subjetividade que se rompe de padrões relacionais anteriormente instaurados. Entretanto, como já foi citado anteriormente, as relações são afetadas diretamente pela integração de experiências de um sujeito, onde esse também é afetado pelo ambiente, que parte de uma combinação de representações alienadas, impossibilitando que tal vínculo se revele numa experiência transformadora do self.⁹

É fundamental salientar que durante a pandemia da Covid-19, quando foi implementado as primeiras medidas sanitárias de distanciamento social, diversos relacionamentos, sejam eles de qualquer âmbito, se depararam com o desencontro afetivo que se estruturou diante de sintomas estressores, intensificando assim uma vulnerabilidade diante da relação que seria necessário um processo de reorganização estrutural.¹⁰

O que vale destacar, que para toda a população mundial, tal acontecimento afetou diretamente a saúde mental de diversos indivíduos, potencializando crenças de solidão ou até mesmo de desespero. Levando em consideração que todos esses sintomas de um convívio disfuncional partem de um acontecimento externo ao indivíduo, mas que afeta diretamente dinâmicas pré-existentes de uma relação de proximidade.⁴

Nesse sentido, as relações afetivas teriam como finalidade essencial a criação de um ambiente para a facilitação do desenvolvimento do par inserido nela, não num encontro sentido como uma ligação de fusão ou isolamento, mas separando a individualidade de integridade dos indivíduos, afastando de um conceito de ameaça ao Eu, gerando assim uma homeostase.¹¹

O desenvolvimento de uma subjetividade parte do princípio da coesão e estabilidade, onde o indivíduo utiliza de sua autonomia frente ao outro não como uma relação de posse, que remete a sensação de se sentir completo apenas diante desta outra pessoa, mas sim utilizando desse encontro como uma possibilidade de elaboração e ressignificação dos afetos, pois muito ainda se entende diante da sociedade que o amor é inquebrável, imortal e que nunca acaba, gerando nisso uma idealização de completude, que em resumo não depende do self.⁹

2.3. A Construção dos Afetos nas Etapas do Desenvolvimento Humano

A experiência afetiva não é estática, mas se constrói e se transforma de forma contínua ao longo do ciclo vital do indivíduo. A forma como os afetos são percebidos e vivenciados varia significativamente, moldando a constituição da subjetividade e os padrões relacionais que serão adotados na contemporaneidade.⁶

2.3.1. A Raiz do Vínculo: Infância e a Base do Self

Nos estágios iniciais, o vínculo afetivo estabelecido com os cuidadores primários é a fundação para o desenvolvimento integral do ser humano. Essa afetividade é fundamental para o desenvolvimento do recém-nascido e atua como um recurso para o crescimento. O papel das relações afetivas na primeira infância vai além do cuidado, integrando-se ao processo de aprendizagem e desenvolvimento integral da criança, o que demanda a importância de uma prática pedagógica centrada na criança.¹³

Portanto, a valorização desse afeto no ambiente de desenvolvimento é essencial para o florescimento do potencial individual. A qualidade das primeiras interações, assim, estabelece os modelos operacionais de como o self se sente digno de afeto e como ele pode se relacionar com o outro de forma segura, reverberando nos vínculos futuros.¹⁴

2.3.2. Transição e Descoberta: O Afeto como Expressão da Identidade

Com a transição para a adolescência, os relacionamentos afetivos adquirem novos e complexos significados, tornando-se um campo de expressão da identidade em formação. Nesta etapa, os adolescentes não apenas vivenciam as relações amorosas, mas se esforçam para conceituar e atribuir sentido a elas. As dinâmicas afetivas e a busca por conexões igualitárias na adolescência estão intrinsecamente ligadas aos padrões de cuidado vivenciados na infância. Estudos de caso demonstram que cuidados parentais inconsistentes podem ter implicações diretas nas relações de apego estabelecidas durante a adolescência, influenciando a forma como o indivíduo busca e mantém a segurança e a intimidade em seus novos vínculos.¹⁵

O amor, nessa fase, é compreendido em suas múltiplas expressões, ao lado da sexualidade e da busca por conexões que, muitas vezes, repetem ou tentam corrigir modelos de apego anteriores. Contudo, a vulnerabilidade inerente à busca por autenticidade pode expor o indivíduo a riscos, como a ocorrência de violência entre parceiros íntimos. Nesse sentido, intervenções que promovem a escuta e a reflexão, como as oficinas expressivas, são cruciais para o fortalecimento do self e a prevenção de dinâmicas opressivas.¹⁶

2.3.3. A Dinâmica do Amor na Aduldez e Velhice

Na vida adulta, a experiência afetiva se torna um espelho da capacidade do indivíduo de se relacionar com o outro de forma autêntica e madura. O relacionamento amoroso é encarado como uma experiência contínua de ser e de não ser, que cumpre uma função no self do indivíduo, mas também pode envolver a repetição de padrões aprendidos. A busca por satisfação e autorregulação é central para o funcionamento saudável do casal, onde a necessidade de conexão e segurança não se esgota com o tempo.¹

Na velhice, a relevância da Teoria do Apego é analisada para descrever como as necessidades afetivas e o suporte emocional continuam a ser pilares para o bem-estar e a saúde mental. Em síntese, a experiência afetiva, seja na juventude ou na maturidade, reflete o desafio contínuo de conciliar o desejo de conexão com a necessidade de autonomia e a realização do self. Embora o desenvolvimento do self e a capacidade de vincular-se iniciem na esfera do individual e do familiar, a experiência afetiva não pode ser dissociada das estruturas e dos valores da sociedade em que o indivíduo está inserido.¹⁷

As formas de amar, pertencer e resistir são constantemente atravessadas por construções sociais que determinam o que é considerado aceitável ou marginalizado. Desse modo, a subjetividade, que busca a autenticidade e o desenvolvimento mútuo, encontra-se inevitavelmente em tensão com as normas de poder e dominação que regem a vida social, que serão detalhados a seguir.¹⁸

2.4. Modos de existir na subjetividade contemporânea

Na sociedade atual, é possível perceber que as relações de caráter amoroso têm se iniciado durante a fase da adolescência. Paralelo a esta concepção, nota-se a compreensão da existência de estruturas de relações interpessoais, o que é importante destacar, pois diante de uma historicidade geracional essas questões tendem a mudar concomitantemente com o ambiente inserido, onde no contexto científico, as relações afetivas partem de como os indivíduos consideram tais sentimentos de afetividade a fim de uma busca de amor, igualdade e relações sexuais.¹⁹

Em conformidade com a psicologia social, as relações afetivas emergem diante das inter relações entre os indivíduos dentro de um determinado contexto cultural e social, que tende a ser influenciados por normas, valores, crenças, perspectivas e da forma que os indivíduos se reconhecem e se relacionam entre si.²⁰ Que por finalidade partem de um conjunto de configurações, retratadas como:

2.4.1. Construção Social

Considerando os elementos supracitados, as relações afetivas não possuem apenas um caráter instintivo e natural, ou seja, partem da concepção empírica, onde a partir da experiência e da conjuntura social historicamente situada, o indivíduo segue a uma elaboração subjetiva em face de uma realidade comum a sociedade a que está inserido. A partir disso, gerando de forma autêntica suas práticas, seu modo de viver e sentir o afeto.²¹

2.4.2. Poder e normas sociais

É indiscutível que as relações são atravessadas pelas dinâmicas de poder presentes diante da sociedade. Partindo disso, a afetividade é constituída não somente por movimentos individuais, mas por normas que determinam se tais afetos são considerados aceitáveis, legitimando o indivíduo a quem se pode ou não amar. Evidenciando que os sentimentos, a sexualidade e a família também são campos de disputa ideológica e até mesmo de dominação social.²²

2.4.3. Identidade e pertencimento

A identidade individual está intimamente relacionada aos vínculos afetivos estabelecidos diante do meio social. Sendo assim, é construída a partir da sensação de pertencimento e consideração positiva que é moldada diante dos grupos e de suas relações. Provando que os afetos partem de uma constituição do intelecto, pois, é nele que o indivíduo reforça a ideia de que é validado, estruturando sua “definição complexa”.²³

2.4.4. Conflitos e Resistências

Por conseguinte, as relações podem ser espaços de resistência e transformação, ao modo que as novas formas de amar e/ou relacionar podem desafiar as estruturas obsoletas e tradicionais, a fim do indivíduo carregar consigo a potência ao antagonismo e de reinvenção da vida social, desvinculando de um conceito à limitação, abrindo a possibilidade de novos modos de existência a frente do coletivo.²⁴

Diante do exposto, evidencia-se que diante da psicologia social, as relações afetivas não se resumem apenas a uma esfera de intimidade individual, mas transcendem a uma afirmação de conceitos sociais preexistentes à processos culturais, históricos e políticos. Sendo assim, o amar, pertencer e resistir são diretamente atravessados pelas construções sociais do que seria o afeto, criando e moldando formas marginalizadas de existir. Ao mesmo tempo em que a afetividade emerge a manutenção de uma ordem de hegemonia, gerando um território de tensões, onde é apresentado novas formas de relacionar-se sendo elas emancipadoras e plurais.²²

2.5. Afetos, sofrimento psíquico e enfrentamentos: entre feridas e resistências na vida cotidiana

Segundo a ótica adotada pela Psicologia Social, o sofrimento afetivo não é visto como uma patologia individual, e sim como uma forma de expressão das contradições sociais que atravessam os modos de ser e de se relacionar com o mundo. Assim sendo, os relacionamentos afetivos na atualidade advêm de uma dimensão essencial da individualidade humana, visto que são espaços onde o sofrimento psíquico se instaura com

intensidade, partindo de padrões que estão ligados a rejeição, abandono, silenciamento e até mesmo opressão, tornando-se, portanto, potencializadores de angústia, desamparo e solidão.²⁵

Em se tratando de vínculos afetivos, além de haver o desenvolvimento pessoal do indivíduo, também são expostas suas vulnerabilidades ao desamparo, experiências de exclusão e opressão que não podem ser marginalizadas da realidade concreta daquele sujeito, principalmente quando o modo de existir e amar foge das normas “aceitáveis”. O que no fim, moldam um espaço de fragilidade em meio aos laços, tornando-os inseguros e dispostos a frustração, que culminam em um sofrimento emocional.²⁶

Observada a existência de circunstâncias às quais os laços afetivos deixam de ser um espaço que proporcionam cuidado, reconhecimento e liberdade, e passam a serem mantidos diante de uma dominação e da negação de alteridade, nota-se o processo de adoecimento da relação e em consequência o adoecimento do indivíduo, levando à perda de autoestima, desvalorização da própria experiência emocional que podem ser marcadas por dinâmicas de poder e violências sutis ou não.

Partindo do pressuposto, a dependência emocional, nesse contexto, não deveria se apresentar como fraqueza pessoal, mas sim como uma construção advinda de uma historicidade relacional, que muitas vezes é sustentada por crenças internas sobre o amor, o abandono e até mesmo ao sacrifício (autossacrifício). Sendo assim, uma vez configurado esse cenário, é notável a capacidade de efeitos de estagnação e paralisação do indivíduo diante desse sofrimento angustiante.²²

A solidão, por sua vez, emerge diante da sensação de não ser reconhecido, de não se sentir pertencente, da ausência de um vínculo autêntico mesmo quando é acompanhada fisicamente, revelando que estar só não significa a falta de uma companhia, mas se acredita que o “amar” se apresenta capaz de livrar da solidão. Nessa perspectiva, a reconstrução da autonomia emocional torna-se um caminho de enfrentamento, onde o rompimento com afetos adoecidos pode gerar novos laços que atravessem e sustentem a existência com dignidade e liberdade.²⁷

Desta forma, tal encontro com a crítica social retratada até o presente momento, articula com a lente sensível da Abordagem Centrada na Pessoa (ACP), proposta por Carl Rogers, que defende que todo ser humano possui uma tendência à atualização, uma força inerente que lança o indivíduo à realização plena de seu potencial, ainda que ferido diante de uma angústia, carrega consigo recursos para a mudança e a cura, desde que encontre um ambiente facilitador. Já que, a afetividade, mesmo quando marcada pela dor, pode se transformar em potência, mobilizando o indivíduo a reconstruir-se de forma congruente ao estar no mundo.²⁸

Portanto, compreender os afetos como instâncias políticas e subjetivas permite visibilizar o sofrimento psíquico não como desajuste individual, mas como expressão de uma coletividade adoecida. Que simultaneamente, parte a compreensão de abrir brechas para a resistência e o reencantamento dos vínculos humanos, por meio do acolhimento empático, da escuta genuína e da construção de relações menos opressivas e mais libertadoras. Sendo assim, o afeto não apenas fere, como também se mostra capaz de sustentar, reorganizar e curar.

3. Metodologia

Considerando o objetivo do presente estudo foi selecionada uma metodologia de caráter qualitativa. De certo modo, este método amplia e complementa o entendimento das discussões acadêmicas acerca do tema referido anteriormente, gerando interpretações a partir dos pesquisadores sobre os significados e reflexões dos dados adquiridos.²⁹

Dentre as opções da pesquisa qualitativa foi adotado uma revisão bibliográfica que é caracterizada por traçar um mapa visual dos estudos e proporcionar insights relacionados ao projeto, com a finalidade de avaliar criticamente artigos científicos já publicados.³⁰

Entre as plataformas disponíveis para a construção deste artigo, foram utilizadas as interfaces Google Acadêmico, PePsic e SciELO onde ambas foram empregadas por seu uso mais amplo, que promove praticidade a integração e disseminação de conteúdos acadêmicos que foram complementares para a base de dados.

A pesquisa buscou artigos entre os anos de 2019 a 2025, no qual esse recorte temporal dá ênfase num período de grandes implicações, permitindo um embasamento mais recente acerca das necessidades sociais ligadas ao estudo proposto. Adotando-se o seguinte critério de inclusão: artigos oriundos de publicações em português e inglês. Sendo excluídos os artigos cujo o ano se encontrava fora do tempo de intervalo proposto, com a temática divergente à proposta do estudo e com publicações sem caráter científico. Para as pesquisas em português, foram utilizadas as palavras chaves: “Psicologia e relacionamentos afetivos”, enquanto para as pesquisas em inglês, foram utilizadas: “Psychology and emotional relationships”. Dito isso, foram coletados 26 artigos, de acordo com a figura 01:



Figura 1. Mapa de Exclusão e Inclusão

Fonte: Elaborada pelos autores com auxílio da plataforma Canva.

A primeira etapa direcionada a identificação inicial resultou num percentual de 1.799 artigos, sendo esta direcionada ao quantitativo de buscas referidas as palavras chaves retratadas anteriormente. Na base 1 (SciELO), inicialmente a coleta fixou em 27 artigos, que após o refinamento resultou em 7 artigos, logo a filtragem de duplicatas resultou em 3 artigos científicos que complementam para a base de dados. Na base 2 (PePsic), a coleta iniciou com 342 artigos, que após refinamento por critérios de exclusão resultou em 60, logo a filtragem de duplicatas resultou em 17 artigos de caráter científico. Já na base 3 (Google acadêmico) a princípio a coleta fixou em 1.430 artigos, onde a pesquisa de refinamento resultou em 90 artigos, que após a filtragem de duplicatas findou-se em 6 artigos. Quando somou-se o resultado de 26 artigos científicos.

Assim é válido indicar, que todos os 26 artigos foram lidos de maneira minuciosa, de modo a estabelecer uma discussão sobre a temática explorada. Tendo em vista que o projeto está direcionado a uma revisão bibliográfica, a análise permeou-se entre a argumentação acerca dos relacionamentos afetivos na contemporaneidade, perpassando causalidades, debates sociais e estágios da vida. Sendo assim, neste próximo capítulo, tal discussão será categorizada em subtópicos.³⁰

4. Resultados e Discussão

Nesta seção será apresentado a análise dos 26 artigos selecionados que permitiu identificar um conjunto de reflexões que evidenciam a complexidade das dinâmicas afetivas na contemporaneidade. Os estudos revisados concentram-se, em sua maioria, em quatro grandes temas: a influência das tecnologias digitais nas formas de vinculação; os efeitos da pandemia da COVID-19 sobre os relacionamentos interpessoais; como os afetos são constituídos através do desenvolvimento; a inter-relação entre afetividade e sofrimento psíquico; e as possibilidades de ressignificação e enfrentamento, com ênfase em abordagens psicológicas, especialmente na Abordagem Centrada na Pessoa (ACP). Sendo assim, abaixo segue os resultados apresentados para esta pesquisa, dispostos sobre a tabela 01:

Nº	Autores/Ano	Título	Objetivo	Periódicos
1º	Helena Centeno Hintz e Marcella Ranheri de Souza (2019)	Cuidados inconsistentes durante a infância e relações de apego na adolescência: um estudo de caso	Refletir sobre as necessidades de apego de crianças e adolescentes que se manifestam através de comportamentos rebeldes e agressivos.	Revista-Pensando Famílias
2º	Alana Hoffmeister, Liana Muller Carvalho e Angela Helena Marin (2019)	Compreendendo o amor e suas expressões em diferentes etapas do desenvolvimento	Investigar a percepção do amor, compreendendo como esse sentimento é vivenciado nas relações amorosas em diferentes etapas do desenvolvimento - adolescência, adultez e velhice.	Revista-Subjetividades
3º	Ingrid Mesquita Coelho, Daniel Cerdeira de Souza e Iolete Ribeiro da Silva (2020)	Características do relacionamento conjugal de casais que optaram por não ter filhos	Descrever características do relacionamento conjugal de casais sem filhos por opção, elencando as razões que os levaram a optarem por tal decisão e compreender seu nível de satisfação no que concerne ao seu relacionamento conjugal através de uma pesquisa qualitativa de cunho exploratório.	Revista - Nova Perspectiva Sistêmica
4º	Thiago de Almeida (2020)	Solidão, solitude e a pandemia da COVID-19	Discutir o fenômeno da solidão no mundo contemporâneo, especialmente a partir das consequências sociais e afetivas causadas pela pandemia de COVID-19.	Revista-Pensando Famílias
5º	Laís Rocha Santos e Elder Cerqueira Santos (2020)	Infidelidade, satisfação sexual e conjugal e habilidades sociais entre casais que passaram por traição	Investigar a percepção de homens e mulheres sobre a infidelidade nos relacionamentos conjugais, analisando os fatores associados ao fenômeno, como satisfação sexual, satisfação conjugal, habilidades sociais conjugais e atitudes frente à infidelidade.	Revista-Pensando Famílias
6º	Talita Cristina Grizólio, Manoel Antônio dos Santos e Fabio Scorsolini-Comin (2020)	Razões para a manutenção do laço conjugal diante de eventos críticos em casamentos longevos	Conhecer como cônjuges engajados em relacionamentos de longa duração enfrentaram eventuais situações de crise conjugal e suas repercussões sobre suas concepções acerca da separação.	Revista - Contextos Clínicos

7°	Marina Assis Pinheiro e Roberta de Sousa Mélo (2020)	Diários de confinamento: A emergência do novo na intimidade da relação EU-OUTRO-MUNDO	Analizar e caracterizar as dinâmicas subjetivas e intersubjetivas vividas durante o confinamento domiciliar na pandemia, a partir dos diários de três mulheres, buscando compreender como se expressam diferentes formas de intimidade nesse contexto e quais impasses, ambiguidades e modos de vivência do tempo emergem dessa experiência.	Periódico- Psicologia & Sociedade
8°	Andréa Pereira do Nascimento e Leilane Menezes Maciel Travassos (2020)	Vivências relacionais nas redes sociais em diferentes fases da vida	Busca investigar os efeitos das redes sociais na subjetividade e nos vínculos interpessoais, destacando experiências de angústia, vício, exibicionismo e dificuldade em se desligar.	Revista do NUFEN
9°	Raquel de Aguiar Miguel, Thaís Tobias e Mauro Sérgio da Rocha (2020)	A vida compartilhada: um estudo sobre a terapia de casal e a descoberta de si	Refletir sobre relacionamentos de casal e seus símbolos e compreender a relevância desses componentes dentro do processo terapêutico.	SELF - Revista do instituto Junguiano de São Paulo
10°	Adriana Wagner, Beatriz Schmidt, Débora da Silva Noal, Isabela Machado da Silva, Maria Aparecida Crepaldi e Silvia Renata (2020)	As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família	Analizar, a partir de uma revisão narrativa da literatura, os recursos e riscos familiares durante a pandemia da COVID-19, com foco em conjugalidade, coparentalidade, parentalidade e implicações para a prática clínica em terapia de casal e família.	Revista- Pensando Famílias
11°	Isabel Mesquita (2020)	Relacionamentos amorosos como experiências de ser e de não ser. Uma leitura psicanalítica da função no self do relacionamento amoroso e da repetição	Analizar a importância para a satisfação, autorregulação e funcionamento saudável do casal, destacando implicações para a psicoterapia de casal e o trabalho com a intersubjetividade.	Revista- Estudos de Psicanálise
12°	Loyane Ellen Silva Gomes e Lucas Guimarães Cardoso de Sá (2021)	Quais são as relações entre esquemas iniciais desadaptativos, habilidades sociais e satisfação conjugal?	Compreender de que modo as habilidades sociais e os esquemas desadaptativos influenciam a satisfação conjugal, incluindo a mediação exercida pelas habilidades sociais nesse processo.	Revista- Pensando Famílias
13°	Helena Centeno Hintz (2021)	Conflitos conjugais: possíveis origens	Destrincar os fatores que levam ao surgimento de conflitos em casamentos que começaram com amor e desejo de compartilhamento de vida, mas que, com o tempo, enfrentam transformações e desafios.	Revista- Pensando Famílias
14°	Jéssica Caroline dos Santos, Cesar Batista Alves e Bruno Leonel Mendes de Abreu (2021)	Teoria do apego na velhice: revisão integrativa de literatura	Analizar e descrever pesquisas que abordam a teoria do apego na velhice.	Revista PsicoFAE- Pluralidades em Saúde Mental

15°	Daniela Gomes Carneiro, Emanuel Santos de Araujo, Emilly Santos da Silva, Gabriela de Lima Cerqueira e Rodrigo Barbosa Nascimento (2021)	Após o fim de um relacionamento amoroso: uma revisão narrativa	Investigar, por meio de uma revisão narrativa da literatura, os impactos psicológicos, emocionais e comportamentais do término de relacionamentos amorosos, identificando fatores que influenciam o sofrimento e estratégias de enfrentamento adotadas pelos indivíduos.	Revista-Pub Saúde
16°	Cleverson Pereira Souza (2021)	Perspectiva Psicológica das Experiências Homoafetivas em Heterossexuais Masculinos: Uma Revisão Bibliográfica	Busca analisar os efeitos das experiências homoafetivas no processo de construção da sexualidade masculina e suas repercussões psicológicas, usando revisão de literatura como método.	Revista - Latino Americana de Psicologia Corporal
17°	Amanda Feltrin Lisboa e Inaina Lara Fernandes (2021)	A importância do vínculo afetivo para o desenvolvimento do recém-nascido: uma revisão integrativa	Compreender através dos registros literários a importância do vínculo afetivo para o desenvolvimento do recém-nascido a partir das relações iniciais.	Electronic Journal Collection Health
18°	Ernani de Moraes Lima Junior e Marcus Cézar de Borba Belmino (2021)	O ciúme romântico nos relacionamentos amorosos: enfoque na abordagem centrada na pessoa	Investigar como o ciúme é construído social e historicamente, quais significados ele assume nas relações amorosas e quais impactos exerce nos modos de se relacionar na contemporaneidade.	Brazilian Journal of Development
19°	Elizabeth Fátima Teodoro, Greiciele Andrade Carvalho dos Santos e Wilson Camilo Chaves (2021)	Nas trilhas da dependência amorosa: entre desejo e necessidade	Refletir sobre as escolhas objetais amorosas e em que medida estas deixam de estar na esfera do desejo e passam a atuar no campo da necessidade, ou seja, da dependência.	Revista-Subjetividades
20°	Luciana Ximenez (2022)	Raspas e restos nos interessam: sobre o amor em tempos de sobrevivência	O estudo busca investigar o amor como ação que envolve fragilidade, pertencimento, flexibilidade e alteridade, utilizando referências da psicologia arquetípica, filosofia e sociologia, assim como exemplos clínicos e literários.	Revista da Sociedade Brasileira de Psicologia Analítica
21°	Thayane de Oliveira Santos e Murilo Reis Camargo (2024)	Dependência emocional em relacionamentos conjugais: possíveis fatores e consequências	Abordar as características da dependência emocional e apresentar como ela afeta os relacionamentos interpessoais e influencia negativamente a saúde mental dos indivíduos acometidos.	Psicologia USP
22°	Ângela Carina Paradiso e Letícia Leão da Silveira (2024)	O que a revisão de literatura fala sobre os relacionamentos amorosos com o advento dos aplicativos e redes sociais	Caracterizar as vivências relacionais de jovens, adultos e idosos nas redes sociais, analisando impactos na subjetividade e nos vínculos interpessoais.	Universidade LaSalle
23°	Mônica Almeida Galivan, Gleice Azambuja Elali, Sérgio Marques Júnior e Flávio José	Vínculos afetivos com o lugar: uma revisão sistemática	Investigar o papel da afetividade no processo de aprendizagem e desenvolvimento integral infantil, destacando a importância da prática pedagógica centrada na criança.	Revista - Contemporânea

	de Lima Silva (2024)			
24°	Thiago de Almeida (2024)	Considerações acerca dos relacionamentos interpessoais afetivossexuais em regime de confinamento devido à COVID-19	Refletir criticamente, a partir de revisão de literatura e dados divulgados na mídia, sobre os impactos da pandemia da COVID-19 nas relações amorosas, analisando como o isolamento social, a convivência intensa ou o distanciamento total expuseram vulnerabilidades dos casais e desencadearam crises e conflitos específicos.	Boletim-Academia Paulista de Psicologia
25°	Carmen Graciela e Viviane Aparecida Ferreira Favareto (2024)	O papel das relações afetivas na promoção do desenvolvimento infantil na primeira infância: uma revisão sistemática da literatura	Pretende investigar o papel da afetividade no processo de aprendizagem e desenvolvimento integral infantil, destacando a importância da prática pedagógica centrada na criança.	Repositório da fundação Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS)
26°	Mariana Isabel Sainz (2025)	Explorando relacionamentos afetivos em adolescentes: Revisão de literatura e oficinas expressivas	Compreender como os adolescentes vivenciam, conceituam e atribuem significado aos relacionamentos afetivos, investigando a violência entre parceiros íntimos na adolescência a partir de revisão da literatura e da realização de oficinas expressivas, de modo a contribuir para estratégias de prevenção e intervenção.	Repositório da fundação Universidade Federal de Uberlândia (IPUFU)

4.1. *Tecnologias Digitais e a Ambivalência dos Vínculos Afetivos*

Os artigos demonstram que as tecnologias digitais são um campo de profunda ambivalência para os afetos. Elas não são ferramentas neutras, mas, como destacam Paradiso e Silveira (2024), atuam como mediadoras que moldam ativamente a percepção de intimidade e a própria vivência dos vínculos interpessoais.

Observa-se, portanto, uma tensão: a busca pela conexão é filtrada por plataformas que, paradoxalmente, parecem potencializar os "vínculos fragilizados e angustiantes" mencionados na introdução deste estudo. Nascimento e Travassos (2020) apontam que, ao mesmo tempo em que essas plataformas digitais têm o potencial de aproximar pessoas e facilitar a comunicação, elas também podem desencadear efeitos colaterais como sentimentos de angústia, comportamentos marcados pelo exibicionismo e uma crescente dificuldade em se desconectar de vínculos estabelecidos no ambiente virtual.

Esses aspectos revelam uma ambiguidade nas relações mediadas pela tecnologia, evidenciando tanto os benefícios quanto os riscos emocionais envolvidos. De maneira análoga, Galivan et al. (2024) expandem essa compreensão ao mostrar que a afetividade se estende a lugares e contextos de aprendizagem, sugerindo que essa mesma lógica de conexão/desconexão afetam outras esferas do pertencimento.

Portanto, a discussão não é se a tecnologia é "boa" ou "ruim", mas como ela intensifica a inquietação contemporânea entre o desejo de fusão e o medo da perda da liberdade. Mesmo diante dessas fragilidades, Wagner et al. (2020) ressalta o papel das intervenções terapêuticas, especialmente as centradas na pessoa, como fundamentais para o fortalecimento da intimidade nesse novo contexto.

4.2. *Pandemia e Reorganização dos Relacionamentos*

A segunda tese refere-se à pandemia da COVID-19. Os artigos são unâimes em posicionar esse evento não como a *causa* de crises, mas como uma "lente de aumento" que expôs fragilidades e tensões preexistentes nos vínculos. Sob o ponto de vista de Almeida (2020), o isolamento compulsório intensificou sentimentos de solidão e fragilidade emocional. Almeida (2024) complementa, mostrando que tanto a convivência intensa quanto o distanciamento total geraram crises específicas que exigiram novas habilidades sociais e de resiliência. Nesse cenário, Wagner et al. (2020), destacam que o confinamento funcionou como um catalisador para tensões já existentes nas relações conjugais, trazendo à tona conflitos e expondo fragilidades que muitas vezes eram encobertas pela rotina externa. Essas tensões, agravadas pela convivência forçada e pela ausência de espaços individuais, contribuíram para o aumento de crises conjugais, separações e reconfigurações familiares.

Contudo, a crise também forçou a adaptação. Pinheiro e Mélo (2020) analisam como "diferentes formas de intimidade" e de vivência do tempo emergiram durante o confinamento, sugerindo uma reorganização. Desta forma, Santos et al. (2020) apontam que relacionamentos de longa duração recorreram a diversas estratégias de enfrentamento para preservar a estabilidade emocional e a continuidade dos laços afetivos, como, a criação de rotinas compartilhadas e o investimento na escuta mútua. Tais estratégias revelam não apenas a adaptabilidade dos casais diante de um cenário adverso, mas também a importância da resiliência conjugal como elemento fundamental para a manutenção dos vínculos em contextos de crise.

4.3. A Construção dos Afetos ao Longo do Ciclo Vital

A análise dos artigos confirma a premissa de que a experiência afetiva não é estática, mas um processo contínuo que se molda e se reconstrói ao longo de todo o ciclo vital. Os estudos sobre a infância (Lisboa & Fernandes, 2021; Graciela & Favareto, 2024) são claros: o vínculo afetivo primordial com os cuidadores é a fundação para o desenvolvimento integral, atuando como um recurso para o crescimento e integrando-se diretamente ao processo de aprendizagem.

Essa base estabelecida na infância reverbera diretamente na adolescência. Melo e Pinheiro (2019) demonstram como cuidados parentais inconsistentes impactam as relações de apego futuras. Sainz (2025), por sua vez, explora a adolescência como o campo onde a identidade e o afeto se entrelaçam, um momento de transição onde os jovens buscam ativamente conceituar o amor, o que pode envolver riscos como a violência e a necessidade de intervenções (como oficinas expressivas) para o fortalecimento do self.

Na vida adulta e na velhice, essa busca por conexão contínua, mas agora confrontada com a repetição de padrões. Hoffmeister et al. (2019) encaram o relacionamento amoroso como uma experiência contínua que pode envolver a repetição de padrões aprendidos, onde a autorregulação é central. Essa necessidade de suporte emocional não diminui com o tempo; Santos et al. (2021) reforçam a relevância da Teoria do Apego na velhice como pilar para o bem-estar e a saúde mental. Em síntese, os artigos desta seção demonstram que os modelos de afeto, formados nos estágios iniciais, são continuamente renegociados e ressignificados ao longo de todo o ciclo vital.

4.4. Afetos, Satisfação e Sofrimento Psíquico

Os vínculos afetivos, conforme os artigos analisados, atuam como um "espelho da subjetividade": são espaços de cuidado, mas também onde o sofrimento psíquico se instaura com maior intensidade, refletindo contextos individuais e sociais. Os artigos mostram uma tensão constante entre a idealização do amor e a realidade do adoecimento.

Sobretudo, os artigos desta seção dissecam as múltiplas faces desse sofrimento. Santos e Santos (2020) e Gomes e Sá (2021) investigam a insatisfação conjugal a partir de diferentes perspectivas, evidenciando como frustrações recorrentes, episódios de infidelidade e a presença de "esquemas desadaptativos" impactando diretamente a qualidade do vínculo afetivo..

Em contrapartida, outros estudos focam em dinâmicas específicas de poder e controle que geram adoecimento. Morais Lima Junior e Belmino (2021) analisam o ciúme romântico como uma construção que

mina a relação. Assim, Teodoro (2021) e Oliveira Santos e Camargo (2024) aprofundam a dependência emocional, destacando suas repercussões negativas para a saúde mental. Esses trabalhos, em conjunto, mostram que o sofrimento afetivo não é um fracasso individual, mas muitas vezes um sintoma de padrões relacionais e históricos que precisam ser compreendidos.

4.5. Ressignificação e Enfrentamentos: Contribuições da Psicologia

A conclusão do debate reflete a convergência das temáticas exploradas nas seções anteriores: se os afetos podem adoecer, eles também carregam a potência de curar. A Psicologia, conforme os estudos, fornece as ferramentas teóricas e práticas para compreender e ressignificar essas experiências, promovendo autonomia e crescimento pessoal.

Deste modo, os artigos mostram a passagem do sofrimento ao enfrentamento. Mesquita (2025) demonstra que intervenções psicológicas (como oficinas expressivas) favorecem o fortalecimento dos vínculos e a prevenção da violência. A análise não se limita ao individual; Torres et al. (2023) destacam a relevância dos "grupos sociais" e do pertencimento para a compreensão das identidades e das dinâmicas de poder. Paralelamente, Coelho et al. (2020) e Pinheiro e Mélo (2020) reforçam que a resiliência e as estratégias de enfrentamento são cruciais em contextos de crise.

A compreensão desses estudos evidencia que, quando articulada à abordagem centrada na pessoa e à análise social, a psicologia oferece meios de transformar experiências de sofrimento em oportunidades de autoconhecimento, construção de vínculos mais autênticos e promoção de saúde emocional. Promovendo assim, formas de resistência, anteriormente retratadas, que geram novas formas de se relacionar frente às mudanças sociais.

5. Considerações Finais

O presente estudo buscou refletir, sob uma perspectiva contemporânea da psicologia, sobre as relações afetivas como fenômenos complexos, atravessados por aspectos subjetivos, históricos, culturais e sociais. Ao longo da revisão bibliográfica, evidenciou-se que os vínculos afetivos não se limitam a experiências individuais de afeto, mas integram um campo de disputas simbólicas e ideológicas que impactam diretamente a constituição da subjetividade, a saúde mental e os modos de existir.

Compreender os relacionamentos afetivos na contemporaneidade exige reconhecer as tensões entre o desejo de conexão e a necessidade de autonomia, entre o ideal de plenitude relacional e a realidade marcada por fragilidades, sofrimentos e enfrentamentos. A psicologia, nesse contexto, assume um papel fundamental ao oferecer ferramentas teóricas e clínicas para analisar criticamente tais fenômenos, contribuindo para a ressignificação dos afetos e para a construção de vínculos mais saudáveis e autênticos.

As análises demonstram que a afetividade pode ser, simultaneamente, um espaço de sofrimento e de resistência, de adoecimento e de potência. A partir da lente da Abordagem Centrada na Pessoa, identificou-se que mesmo diante de vínculos adoecidos, o indivíduo é capaz de acessar recursos internos que favorecem processos de cura, reorganização emocional e fortalecimento do self, desde que inserido em contextos relacionais empáticos e não julgadores.

Conclui-se, portanto, que as relações afetivas são atravessadas por múltiplas dimensões e não podem ser analisadas de forma dissociada dos fatores sociais que as sustentam ou limitam. Assim, este estudo contribui para o avanço das discussões acadêmicas na psicologia, especialmente ao propor uma leitura crítica e humanizada das formas de amar e de se relacionar no mundo atual, abrindo caminhos para práticas mais éticas, libertadoras e inclusivas nos contextos clínico e social.

Entretanto, é válido destacar que o presente estudo, por se tratar de uma metodologia de caráter qualitativo, apresenta limitações inerentes ao seu método. As reflexões aqui desenvolvidas basearam-se exclusivamente em materiais secundários, não incorporando dados empíricos primários. Tal limitação se revela, portanto, uma significativa oportunidade para uma agenda de pesquisas futuras. Sugere-se que a

temática das relações afetivas contemporâneas, notadamente sob a ótica da Abordagem Centrada na Pessoa e suas implicações sociais, passe a ser investigada através de levantamentos de dados de ordem primária, como entrevistas semiestruturadas com indivíduos e casais, grupos focais ou aplicação de instrumentos psicométricos. Essas abordagens permitiriam a validação, aprofundamento e nuance das questões teóricas aqui exploradas, gerando um conhecimento mais contextualizado sobre os modos de construir vínculos saudáveis e autênticos no cenário atual.

6. Referências

1. Hoffmeister A, Marin A, Carvalho L. Compreendendo o amor e suas expressões em diferentes etapas do desenvolvimento. *Subjetividades*. 2019;19
2. Souza e Santos J, Domingues S. ANSIEDADE SOCIAL NA ERA DIGITAL-AS INTERFERÊNCIAS DOS APLICATIVOS DE RELACIONAMENTO NO TAS: REVISÃO DE LITERATURA. *Atas de Ciências da Saúde*. 2021;9(1):90.
3. Rogers C. *Tornar-se pessoa*. São Paulo: Martins Fontes; 2023.
4. Silva I, Schmidt B, Lordello S, Noal D, Crepaldi M, Wagner A. As relações familiares diante da COVID-19: recursos, riscos e implicações para a prática da terapia de casal e família. *Pensando famílias*. 2020;24(1):12-28.
5. Mesquita I. Relacionamentos amorosos como experiências de ser e de não ser. Uma leitura psicanalítica da função no self do relacionamento amoroso e da repetição. *Estud. psicanal.* 2020;(54):145-54.
6. Nascimento A, Travassos L. Vivências relacionais nas redes sociais em diferentes fases da vida. *Revista do NUFEN*. 2020;12(2):62-82.
7. Bauman Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Zahar; 2001.
8. Almeida T. Solidão, solidão e a pandemia da COVID-19. *Pensando famílias*. 2020;24(2):3-14.
9. Tobias T, Aguiar Miguel R, Rocha M. A vida compartilhada: um estudo sobre a terapia de casal e a descoberta de si. *Self-Revista do Instituto Junguiano de São Paulo*. 2020;5:1-18.
10. Almeida T. Considerações acerca dos relacionamentos interpessoais afetivossexuais em regime de confinamento devido à COVID-19. *Boletim-Academia Paulista de Psicologia*. 2022;42(103):133-144.
11. Mesquita I. Relacionamentos amorosos como experiências de ser e de não ser: A psychoanalytic reading of the function in the self of the loving relationship and repetition. *Estudos de Psicanálise*. 2020;(54):147-159.
12. Souza MR, Hintz H. Cuidados inconsistentes durante a infância e relações de apego na adolescência: um estudo de caso. *Pensando famílias*. 2019;23(2):3-14.
13. Lisboa AF, Fernandes I. A importância do vínculo afetivo para o desenvolvimento do recém-nascido: uma revisão integrativa. *Rev Eletr Acervo Saúde*. 2021;13(10):e8769.
14. Graciela C, Favareto V. O papel das relações afetivas na promoção do desenvolvimento infantil na primeira infância: uma revisão sistemática da literatura. *Repositório da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul (UFMS)*. 2024.
15. Sainz M. Explorando relacionamentos afetivos em adolescentes: Revisão de literatura e oficinas expressivas. *Repositório da Universidade Federal de Uberlândia (UFU)*. 2025.
16. Souza MR, Hintz H. Cuidados inconsistentes durante a infância e relações de apego na adolescência: um estudo de caso. *Pensando famílias*. 2019;23(2):3-14.
17. Santos J, Alves C, De Abreu B. Teoria do apego na velhice: revisão integrativa de literatura. *Rev PsicoFAE*. 2021;10(2):87-98.
18. Coelho E, Souza D, Silva I. Características do relacionamento conjugal de casais que optaram por não ter filhos. *Nova perspectiva sistêmica*. 2020;29(67):56-69.
19. Pinheiro M, Mélo R. Diários de confinamento: A emergência do novo na intimidade da relação eu-outro-mundo. *Psicologia & Sociedade*. 2020;32:e020011.
20. Schlösser A, Camargo B. Elementos caracterizadores de representações sociais sobre relacionamentos amorosos. *Pensando famílias*. 2019;23(2):105-118.
21. Gavilan MA, Elali G, Júnior S, Silva F. VÍNCULOS AFETIVOS COM O LUGAR: UMA REVISÃO SISTEMÁTICA. *Rev Contemporânea*. 2024;4(10):e6368.
22. Illouz E. *Amor Nos Tempos do Capitalismo*. Rio de Janeiro: Ed Zahar; 2019.
23. Torres AR, Camino L, Silva KC. *Grupo social, relações intergrupos e identidade social*. Psicol USP. 2023.

24. Souza CP. Perspectiva psicológica das experiências homoafetivas em heterossexuais masculinos: uma revisão bibliográfica. *Revista latino-americana de psicología corporal*. 2021;8(12):35-50
25. Ximenez L. Raspas e restos nos interessam: sobre o amor em tempos de sobrevivência. *Junguiana*. 2022;40(1):153-164.
26. Lane STM. *Psicologia Social: o homem em movimento*. 9^a ed. São Paulo: Brasiliense; 1990.
27. SUY. *A gente mira no amor e acerta na solidão*. [São Paulo]: Paidós; 2019.
28. Rogers CR. *A pessoa como centro*. São Paulo: E.P.U; 1988. 240 p.
29. Flick U. *Introdução à pesquisa qualitativa*. 3^a ed. Artmed; 2008.
30. Creswell JW, Creswell JD. *Projeto de pesquisa*. 3^a ed. Artmed; 2010.